

RESENHA

WILLIAMS, Peter J. *Podemos Confiar nos Evangelhos?* São Paulo: Vida nova, 2022.

*Félix Emanuel De Oliveira Marques*²⁰²

Peter J. Williams é o Diretor e CEO da Tyndale House, Cambridge. Ele foi educado na Universidade de Cambridge, onde obteve seu mestrado, mestrado e doutorado no estudo de línguas antigas relacionadas à Bíblia. Após seu doutorado, ele fez parte da Faculdade de Divindade da Universidade de Cambridge (1997–1998) e depois disso ensinou Hebraico e Antigo Testamento como professor afiliado em hebraico e aramaico na Universidade de Cambridge e pesquisador em Antigo Testamento na Universidade de Cambridge. Casa Tyndale, Cambridge (1998–2003). De 2003 a 2007, ele fez parte do corpo docente da Universidade de Aberdeen, na Escócia, onde se tornou professor sênior de Novo Testamento e vice-diretor da Escola de Divindade, História e Filosofia. Desde 2007 ele lidera a Tyndale House. Williams também é professor afiliado na Faculdade de Divindade da Universidade de Cambridge, presidente do Projeto Internacional do Novo Testamento Grego e membro do Comitê de Supervisão da Tradução da Versão Padrão em inglês da Bíblia. Além do livro resenhado ele é autor de *The Surprising Genius of Jesus: What the Gospels Reveal about the Greatest Teacher* (Crossway), publicado em outubro de 2023.²⁰³

A obra tem o objetivo principal discutir de que maneira evidências internas e externas podem contribuir para o entendimento dos evangelhos como fontes históricas confiáveis para as pesquisas sobre Jesus.

O livro tem certas divisões de argumentação que podemos expor aqui. Logo no início o escritor mostra que não é porque um indivíduo escreve sobre uma história que estar intimamente ligado emocionalmente que descreverá inverdades, como por exemplo um acusado perante o tribunal que conta sua versão dos fatos, ou seja, não é porque ele estar estreitamente vinculado com os fato que seu relato é falso, e isso pode ocorrer com os

²⁰² Licenciado em História pela UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) e seminarista no SETECEB (Seminário Teológico Cristão Evangélico do Brasil).

E-mail: femanoel598@gmail.com

²⁰³ Disponível em: <https://tyndalehouse.com/about/staff/peter-j-williams/>. Acessado em: 08/06/24.

evangelhos, olhando para isso Peter Williams lança mão de vários argumentos para sustentar a tese que é muito racional escolher que os relatos do evangelhos são confiáveis (p. 148). No primeiro capítulo o livro expressa de que modo fontes não cristão como Cornélio Tácito, Plínio o jovem e Flávio Josefo falaram de coisas em seus escritos que confirmam os evangelhos, exemplo disso é o aumento crescente de perseguição religiosa, nome de governantes, costumes dos primeiros cristãos, ideias judaicas nos primeiros seguidores de Jesus e menção ao próprio Cristo junto com episódio destacados como sua crucificação e ressurreição. No segundo capítulo observamos a argumentação sobre evidências internas da confiabilidade dos evangelhos, como a coerência entre eles, talvez uma fonte²⁰⁴ comum a Mateus e Lucas seja uma possibilidade aqui e Marcos tenha contado com Pedro como sua testemunha ocular, a importância de tratar dessa autoria é mostrar que os evangelistas estavam perto do evento e outrossim registram os evangelhos próximo ao tempo do ocorrido. No terceiro capítulo somos inseridos na discussão da convicção se os escritores sabiam de fato o que estavam falando, eles aqui passam primeiro pelo teste de geografia com êxito por mostrar bom conhecimento da região que estavam relatando, destacando alguns pontos muito específicos com exatidão como estradas, jardins viagens e cidades, o ponto aqui é que “é a falsa a ideia de que eles cometeram erros em suas narrativas por falta de informações de alta qualidade a respeito de localizações dos eventos que relatam” (p.67), o autor demonstra que comparado com outros relatos da antiguidade os evangelhos se encontram em alto grau de precisão geográfica, além disso nomes com diferenciação entre eles são destacados, só podia fazer isso quem tinha muito conhecimento da cultura judaica. O quarto capítulo nos é contado como não existem uma explicação lógica para coincidência não planejadas, a não ser que sejam escritos independentes, um dos exemplos é a forma como o autor de João e Lucas descrevem as personalidades exatas das irmãs Maria e Marta em episódios diferentes²⁰⁵. O quinto capítulo descreve a possibilidade das falas de Jesus serem verdadeiras ou adições posteriores em seus escritos, primeiro o autor explica que memorização era importante para esse contexto judaico, principalmente para discípulos, e que os de Jesus possivelmente memorizaram esses relatos, além disso a forma como é constituído os textos mostra uma possibilidade de serem falados em grego por algumas frases quase que “rimarem” e serem mais fáceis de memorizar (p. 116). O sexto capítulo nos explica como os manuscritos sofreram poucas alterações, cita a primeira tradução do grego de Desidério Erasmo mostrando

²⁰⁴ Aqui existe uma discussão sobre uma fonte hipotética chamada “Q”, *Quelle* quer significa fonte em alemão (p. 50).

²⁰⁵ No livro existem ainda mais dois exemplos, mas por conta do espaço não poderemos expor aqui.

a pouca quantidade de fontes ele tinha e sendo extraídas do século XII, quando comparada as traduções modernas quase não notamos alterações e até as dúvidas como o final de Marcos e uma parte do evangelho de João já eram consideradas nesta época, além disso é mencionada a maneira meticulosa dos escribas trabalharem. A ideia das contradições é trabalhada no capítulo sete, usando exemplos de João, mas essas aparentes contradições são jogadas de lado quando percebemos o método de ensino irônico de Jesus nas passagens citadas. No final é abordada a questão dos milagres, ponto de maior dificuldade para crer na confiabilidade histórica dos evangelhos, se partimos de uma cosmovisão naturalista será quase impossível crer nesses eventos, mas se começarmos com uma concepção teísta da realidade repararemos que é possível milagres e que isso não impede a crença histórica dos eventos, até porque as alternativas ateísta são em demasia complexas e quase illogicamente cabíveis, só sendo possível em um substrato da realidade tão somente natural, se considerarmos a os evangelho algo real precisamos refletir sobre o chamado de Jesus “segue-me”.

Acreditamos que o autor faz boas contribuições para a apologética da autenticidade histórica dos evangelhos, ele toca em alguns pontos de cunho teológico mas não entra neles propriamente dito, além disso existe boa fundamentação acadêmica nos argumentos trazendo para o debate fontes primárias do primeiro século e estudiosos de alto calibre na discussão sobre historicidade dos evangelhos, outro pontos a destacar é que a obra aponta alguns detalhes que as vezes passam despercebido por alguns leitores da bíblia, como a diferença nos escritos de nomes conhecidos na região, o fato de Jesus fazer perguntas na multiplicação de pães e peixes para Filipe um homem que conhecia o contexto, outro ponto a destacar é que ele algumas vezes no seu texto demonstra a forma como o historiador trabalha com os relatos, pois o estudo histórico não é matemática que podemos dizer com certeza as coisas (p.129), e juntamente com isso o autor traz argumentos de céticos para a discussão e expõe suas concepções incabíveis com a simples realidade, isso tudo é brindado com uma excelente conclusão no último capítulo chamando aqueles que aceitaram logicamente os pontos expostos, a refletirem no desafio feito por Jesus durante todo o seu registro nos evangelhos “sigam-me” (p.151).

Diante desses pontos, acreditamos que o livro apresentado aqui contém uma grande contribuição para a apologética histórica dos evangelhos e mostra o valor de entendermos o valor fiel desses registros. Por isso e outros pontos recomendamos a sua leitura.